

Interdiscurso, cenografia, *ethos* de professor no campo midiático

(Interdiscourse, scenography, teacher's *ethos* in the mediatic field)

Maria Silvia Olivi Louzada¹

¹Programa de pós-graduação em Linguística - Universidade Cruzeiro do Sul –UNICSUL/SP

maria.louzada@cruzeirosul.edu.br; msolouzada@uol.com.br

Abstract: In this study, the perspective of Discourse Analysis, represented by Dominique Maingueneau's texts on interdiscourse, scenography and *ethos*, is adopted as theoretical reference. We analyse texts and discourses propagated by the Brazilian press about the merit evaluation system of junior and high school teachers, which was suggested by the Education State Secretariat of São Paulo in 2009-2010. In the analysed *corpora* the scenographies create discourses that raise polemic, which come from various social sections and outline a pre-discursive *ethos* of teacher knowledge. The *ethos* is certified by the inter-discourse, which is related to pre-existing discourses on how a competent teacher is traditionally defined as a discursive *ethos* of a teacher who does not have knowledge.

Keywords: inter-discourse; scenography; *ethos* of teacher.

Resumo: Na perspectiva da Análise do Discurso, tomam-se como referenciais teóricos os textos de Dominique Maingueneau sobre interdiscurso, cenografia, *ethos*. O objeto de análise são os textos e discursos veiculados pela mídia impressa brasileira a propósito do sistema de avaliação por mérito dos professores do ensino fundamental e médio proposto pela Secretaria de Estadual de Educação de São Paulo, em 2009-2010. Nos *corpora* que são analisados neste trabalho, as cenografias instituem discursos que polemizam, que vêm de variados segmentos sociais e que colocam em destaque tanto um *ethos* pré-discursivo de saber docente, referendado pelo interdiscurso e que remete aos discursos preexistentes sobre o que caracteriza tradicionalmente um professor competente, como um *ethos* discursivo de não-saber docente.

Palavras-chave: interdiscurso; cenografia; *ethos* de professor.

Considerações iniciais

Este trabalho admite como seus referenciais teóricos os textos fundadores de Michel Pêcheux (1990a; 1990b) e, mais recentemente, os estudos de Dominique Maingueneau (2004; 2005a; 2005b; 2006) sobre interdiscurso, cenografia e *ethos*. Também adquirem relevância os estudos contemporaneamente realizados por Patrick Charaudeau (2005, 2006), entre outros, sobre as relações entre mídias e discurso, em especial o do campo político.

Pêcheux (1990a) introduz a noção de interdiscurso – é próprio de todo discurso relacionar-se de muitas maneiras com outros discursos –, concebendo que a ideologia se caracteriza pela heterogeneidade e que sua existência se dá pela contradição, pois uma formação discursiva é também constituída por seu outro.

Em seus estudos, Dominique Maingueneau (2005a, p. 33-48) propõe substituir a noção de interdiscurso pela tríade – universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo –, pois para ele aquela noção, de certa forma, é vaga. Ao analista interessam principalmente as noções de campo discursivo – “conjunto de formações discursivas que

se encontra em concorrência” – e os espaços discursivos – “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação”. Assim, uma identidade enunciativa e um lugar de produção discursiva são definidos pela posição que o sujeito ocupa em relação ao campo discursivo e seus sistemas de valores.

Para esse estudioso, em um campo discursivo, “posicionamento” tanto pode definir uma “identidade enunciativa forte” como uma “identidade de fraca consistência doutrinal” (MAINGUENEAU, 2004, p. 392-393). No primeiro caso, posicionamento refere-se à especificidade de um lugar de produção discursiva como, por exemplo, um discurso político partidário de esquerda ou de direita, que, ambigualmente, “designa *sua própria identidade*” e “*as operações* pelas quais essa identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo”. No segundo caso, situa entre os gêneros cuja identidade é de “fraca consistência doutrinal”, tanto um programa de televisão, como uma campanha publicitária, por exemplo. Entende-se, assim, que certos gêneros discursivos veiculados pelas mídias, tais como os que aqui se pretende analisar –notícias, reportagens, entrevistas –, também estariam situados entre esses últimos.

No entanto, o suporte e transporte dos enunciados também são constitutivos do discurso, ou seja, a atividade enunciativa implica tanto um conteúdo, como o modo de dizê-lo e de veiculá-lo. Por isso, a noção de “inscrição” – um enunciado filia-se a uma rede de outros enunciados ou é rejeitado por eles – comporta necessariamente essa dimensão midiológica dos enunciados.

A Maingueneau (2005b) costuma-se creditar a recuperação e a redefinição da noção de *ethos* nos estudos do discurso, noção antes pertencente aos estudos retóricos. A etimologia de *ethos* é grega e significa “costumes, modo de ser, caráter” e permite que o coenunciador crie uma “imagem”, uma “figura” que represente esse possível “caráter” enunciativo, fundamentado, pela sociedade, em estereótipos culturais. O autor explica que recorre a essa noção em virtude de sua reflexividade enunciativa e por implicar uma voz e um corpo enunciante.

De acordo com Maingueneau (2005b), podem-se distinguir, principalmente, dois tipos de *ethos*: pré-discursivo e discursivo. Quando o coenunciador constrói ou detém representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale, tem-se o *ethos* pré-discursivo. Especialmente nos discursos midiáticos, o conhecimento prévio do coenunciador sobre o *ethos* do enunciador lhe permite, a cada novo acontecimento discursivo, confirmar ou não os traços que o identificam: “os enunciadores, que ocupam constantemente a cena midiática, são associados a um *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou infirmar” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 71).

Essa noção está, assim, intimamente relacionada à de identidade de posicionamento (PÊCHEUX, 1990b): a cada nova cena enunciativa, o coenunciador retoma esse *ethos* pré-discursivo e usa-o como um parâmetro, um norteador para realizar a interpretação do discurso que ali se profere.

Em relação ao *ethos* discursivo, Maingueneau explica que ele se define por uma “vocalidade específica”, um “tom” que permite relacionar o enunciador a uma fonte enunciativa; uma corporalidade,

um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica. (2005b, p. 18)

Assim, a cenografia e o *ethos* se inscrevem na própria enunciação, o *ethos* emerge da cenografia e só por ela pode ser apreendido, pois participam de um mesmo processo: ao mesmo tempo em que a fala surge de uma cenografia é também por ela validada.

Por outro lado, sabe-se que a questão relativa ao saber docente tem sido contemporaneamente discutida pelo menos em duas instâncias: no campo propriamente didático-pedagógico, por meio de estudos específicos sobre o “fazer docente”, e no campo político-institucional, aqui entendida como uma instância política. Nesses campos de discussão, tanto os estudos realizados por especialistas como a definição de políticas públicas têm-se posicionado em relação à necessidade de amparar um fazer docente mais competente e mais conforme as demandas educacionais contemporâneas.

Contemporaneamente, no entanto, essa discussão espraiou-se para o campo midiático ou jornalístico, entendido como porta-voz da instância cidadã (CHARAUDEAU, 2005). Nos últimos anos, as mídias no Brasil têm divulgado espetacularmente (PÊCHEUX, 1990b) tanto os resultados de provas nacionais (IDEB, Prova Brasil, SAEB, SARESP entre outras) em que os estudantes brasileiros não revelam saber o esperado — o que, por sua vez, acaba por desqualificar a escola e seus professores —, e também os resultados de exames aos quais têm-se submetido os professores a fim de serem promovidos por “mérito” ou de ter acesso às aulas das escolas públicas.

Sabe-se que a imprensa reserva para si um lugar e um papel social de vigilante e de controladora das ações do Estado (LOUZADA; LOUZADA, 2009). É também porta-voz da sociedade brasileira, ao fazer seguidas cobranças aos governos federal, estaduais e municipais em relação à adoção de políticas públicas mais eficazes para o enfrentamento e resolução dos problemas educacionais brasileiros. Por isso, quando veiculam notícias nada auspiciosas sobre a escola e os professores, revelando as suas fragilidades e insucessos, as mídias têm papel relevante nos modos de construção, ou desconstrução, das identidades públicas, no caso em análise, do professor.

Assim as mídias projetam para si um lugar de importância social e assumem o papel de porta-vozes da instância cidadã. Segundo Charaudeau (2006), elas nos impõem o que escolheram colocar em destaque:

É claro que as mídias nos impõem suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornam visível aquele visível que decidiram nos exhibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas. (2006, p. 253).

Nos *corpora* em exame neste trabalho, as cenografias midiáticas instituem um movimento discursivo que transita entre o estereótipo social de saber docente e um *ethos* discursivo que se afasta daquele, produzindo um efeito de sentido de desprestígio, de desconfiança em relação ao professor e ao papel que desempenha na sociedade.

Cenografias midiáticas e movimentos de (des)construção da identidade do professor

A etimologia e acepções da palavra “mestre” para referir a atividade social de ensinar remetem interdiscursivamente à noção estereotipada de saber docente – aquele que domina o saber e sabe ensinar – como se pode ler a seguir:

Etimologia: lat. *magister, tri* ‘o que manda, dirige, ordena, guia, conduz, diretor, inspetor, administrador, o que ensina’, prov. por infl. do fr.ant. *maistre* (c1100 doc. como *le plus maistre* ‘o principal’) ou do provç. *maestre*, como parecem mostrar as f. arcaicas *maestre* e *meestre*; cp. erud. *magister* e *maestro*; ver *mag-*; f.hist. 1255 *maestre* ‘homem sabedor, professor’, sXIII *maestre* ‘comandante’, sXIII *maestro*, sXIV *meestre*, sXV *mester*, sXV *mestre* ‘título acadêmico’

Acepções: - substantivo masculino. **1** pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento em qualquer ciência ou arte; **2** indivíduo que ensina, que dá aulas em estabelecimento escolar, ou particularmente. – adjetivo. **20** que é o mais importante; principal, fundamental; **21** que ultrapassa os limites habituais; enorme, fantástico; **22** que serve de base, de guia; **23** Derivação: sentido figurado. hábil, destro.

(DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2010. Com cortes.) (Grifos nossos.)

Por outro lado, a etimologia e acepções da palavra “professor” parecem confirmar a mesma noção interdiscursiva, também remetem àquele que “professa uma crença”, daí, talvez, a derivação de sentido para “dom” e “missão de ensinar” referida à profissão docente e que é também encontrada no interdiscurso, como se pode ler a seguir:

Etimologia lat. *professor, óris* ‘o que faz profissão de, o que se dedica a, o que cultiva; professor de, mestre’, do rad. de *professum*, supn. de *profitéri* ‘declarar perante um magistrado, fazer uma declaração, manifestar-se; declarar alto e bom som, afirmar, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, confessar, mostrar, dar a conhecer, ensinar, ser professor’; ver *profess-*; f.hist. sXV *professor*, sXV *professorees*, sXV *profesores*.

Acepções - substantivo masculino: **1** aquele que professa uma crença, uma religião; **2** aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre. **2.1** aquele que dá aulas sobre algum assunto. **2.2** Derivação: por extensão de sentido: aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa. **3** aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (como o normal, alguns cursos universitários, o curso de licenciatura etc.); **4** Derivação sentido figurado: indivíduo muito versado ou perito em (alguma coisa).

- adjetivo: **5** que professa; profitente; **6** que exerce a função de ensinar ou tem diploma ou título de professor.

(DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2010. Com cortes.) (Grifos nossos)

É assim que, no imaginário popular, o professor está fortemente ligado ao estereótipo daquele que tem por missão transmitir os saberes socialmente valorizados e que detém o poder de fazer progredir os estudantes conforme os valores dessa mesma sociedade; todo discurso proferido pelo professor, portanto, seria antecipadamente validado por essa concepção, visto que

[...] um sujeito ao enunciar presume uma espécie de “ritual social da linguagem” implícito, partilhado pelos interlocutores. Em uma instituição escolar, por exemplo, qualquer enunciação produzida por um professor é colocada em um contrato que lhe credita o lugar de detentor do saber: “O contrato de fala que o liga ao aluno não lhe permite ser “não-possuidor do saber”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 30)

Com o propósito de averiguar o modo como a identidade do professor é discursivamente (des)construída, vão-se examinar a seguir algumas manchetes, reportagens e entrevistas publicadas pela mídia brasileira entre 2009 e 2010 a propósito de uma avaliação dos professores das escolas públicas paulistas visando à promoção por mérito, instituída pela Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, a que se seguem muitas discussões.

A seleção do *corpora* foi realizada tomando como base o boletim diário do Movimento Todos pela Educação¹ que reúne e difunde pela internet as principais notícias sobre educação no território nacional. Evidentemente, o fato de o Movimento Todos pela Educação apresentar tais acontecimentos e notícias como relevantes para seus leitores propõe para ele um discurso também comprometido com a instância cidadã (CHARAUDEAU, 2005), um *ethos* cidadão, reivindicador de educação de qualidade para todos os brasileiros.

Esse acontecimento, que amplamente noticiou os maus resultados da avaliação dos professores das escolas públicas paulistas, seguido de outros, tais como os igualmente maus resultados do processo de seleção para contratação de professores temporários para a rede pública paulista, disparou uma intensa e controvertida discussão na sociedade sobre a identidade docente. Por isso, pretende-se analisar no *corpora* selecionado para este trabalho tanto as vozes e os discursos que aderem ao *ethos* pré-discursivo de saber docente, presente no imaginário e objeto de retomadas interdiscursivas, como aquelas vozes que produzem uma desidentificação daquele estereótipo do saber docente: A) a voz midiática vigilante e controladora e que representa a instância cidadã; B) a voz político-institucional da Secretaria da Educação paulista ou de outros órgãos e autoridades do setor educacional; C) a voz do professor ele-mesmo; D) a voz docente coletiva e institucionalizada do sindicato dos professores (APEOESP); E) a voz dos estudantes.

A) A voz midiática vigilante e controladora

Os enunciados a seguir distribuem-se entre 2009 e 2010, provêm da voz midiática representativa da instância cidadã e produzem o mesmo efeito de sentido de desconstrução de um estereotipado *ethos* pré-discursivo de saber docente, segundo o qual o professor deveria dominar conhecimentos e ensiná-los aos seus alunos. Seguem as manchetes:

(01) Professor nota zero (*Folha de São Paulo*, 08/02/2009)

(02) Professores reprovados (*O Estado de São Paulo*, 12/02/2009)

(03) 1 em cada 4 futuros professores do País se forma em cursos ruins (*O Estado de São Paulo*, 04/09/2009)

(04) “É preciso demitir maus professores” (*O Estado de São Paulo*, 22/06/2010)

¹ Disponíveis em <http://www.todospelaeducacao.org.br/Comunicacao>. O Movimento Todos pela Educação é uma entidade que declara que “tem por objetivo efetivar o direito a educação de qualidade para todos e estabeleceu 5 metas que o Brasil deve alcançar até setembro de 2022: 1. Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola; 2. Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos; 3. Todo aluno com aprendizado adequado à sua série; 4. Todo jovem com o Ensino Médio concluído até os 19 anos; 5. Investimento em Educação ampliado e bem gerido”.

- (05) Você seria professor de escola pública? (*Folha de São Paulo*, 31/05/2009)
 (06) 1/3 dos professores falta demais (*O Estado de S. Paulo*, 20/06/2009)
 (07) Ser professor: uma escolha de poucos (*Nova Escola*, 25/02/2010)
 (08) Professores despreparados (*O Estado de São Paulo*, 27/05/2010)

(Grifos nossos)

Observe-se que nesses enunciados opera-se uma desconstrução discursiva por meio de um processo de desidentificação do *ethos* de saber docente: alguns adjetivos pertencentes ao âmbito escolar produzem efeito disfórico, de desprestígio para o professor: “nota zero”, “reprovados”, “cursos ruins”, “maus”, “despreparados”.

Em outros enunciados, dentre os listados acima, usam-se outros recursos discursivos para propor uma mesma reflexão orientada para a desqualificação do professor e a pouca atratividade desse ofício: a provocativa pergunta ao coenunciador leitor – “Você seria professor de escola pública?” – retoma interdiscursivamente toda uma gama de problemas contemporâneos da escola pública (má gestão, violência, falta de qualidade no ensino, problemas estruturais etc., etc.) -; o emprego adverbial em “falta demais” para indicar o suposto absenteísmo da categoria; ou, ainda, uma declaração como “Ser professor: uma escolha de poucos” indica o desprestígio da profissão na atualidade. Evidentemente, ao mesmo tempo em que desqualifica seu objeto – o professor –, como já se disse, a imprensa propõe para si um lugar de atenta e controladora dos problemas educacionais brasileiros e projeta para si, nessas cenografias em tom de denúncia, um *ethos* julgador e cidadão, comprometida que se diz com os valores e o bem-estar da sociedade.

Reportagens, editoriais, entrevistas e artigos assinados fomentam a ebulição, por assim dizer, dessa polêmica instalada nas mídias em que a desconstrução do estereotipado *ethos* pré-discursivo de saber docente se processa por meio de variados expedientes discursivos, como se vai comentar a seguir.

Um artigo que teve grande repercussão na época e que provocou reações em cadeia, principalmente dos professores, foi “Professor nota zero” (*Folha de São Paulo*, 08/02/2009), escrito pelo jornalista Gilberto Dimenstein, conhecido também como criador da OSCIP Cidade Escola Aprendiz, o que parece qualificá-lo como formador de opinião no campo educacional.²

- (09) Como esperar que um aluno de um professor que tira nota ruim ou mediana possa ter bom desempenho? Impossível. Se fosse para levar a sério a educação, provas desse tipo deveriam ser periódicas em toda a rede (assim como os alunos também são submetidos a provas). Quem não passasse deveria ser afastado para receber um curso de capacitação para tentar se habilitar a voltar para a escola.

A obrigação do poder público é divulgar as listas com as notas para que os pais saibam na mão de quem estão seus filhos. Mas a culpa, vamos reconhecer, não é só do professor. O maior culpado é o poder público que oferece baixos salários e das universidades que

² “A Associação Cidade Escola Aprendiz é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que, desde 1997, experimenta, desenvolve e divulga o conceito de Bairro-Escola, visando o aprimoramento simultâneo da comunidade e da educação. [...] Como estratégia, a Cidade Escola Aprendiz realiza projetos focados em arte, cultura, educação, comunicação, tecnologia e articulação comunitária. [...] Além disso, a organização vem influenciando iniciativas comunitárias e políticas públicas em todo o país.” Sua missão é: “Criar e articular oportunidades que fortaleçam a educação integral de crianças e jovens por meio da utilização de tecnologias sociais inovadoras desenvolvidas e geridas pelas comunidades.” (Disponível em <http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/institucional/portugues/instituicaoQuemSomos.aspx>. Acesso em: 18 jul. 2010).

não conseguem preparar os docentes. Para completar, os sindicatos preferem proteger a mediocridade e se recusam a apoiar medidas que valorizem o mérito. (DIMENSTEIN, 2009, (Grifos nossos))

Na análise desse enunciado é importante destacar a sugestão de que o professor reprovado devesse ser afastado e novamente habilitado em curso de capacitação para poder voltar à escola, propondo para ele um outro papel, o de aprendiz. Essa sugestão também se combina com as propostas contemporâneas das autoridades públicas para os chamados cursos de capacitação ou de formação continuada para professores de escolas públicas como forma de torná-los mais competentes para exercer o ofício de ensinar. O pressuposto – “a culpa não é só do professor” – se encaminha, mais uma vez, a avaliação desqualificadora que a imprensa faz dos professores paulistas, por outro lado, pressupõe que a culpa pelos problemas educacionais é também do governo e das universidades. Mais uma vez, veja-se que a imprensa propõe para si mesma um *ethos* avaliador, capaz de fazer análises dessa envergadura.

B) A voz político-institucional da Secretaria da Educação paulista ou de outros órgãos e autoridades do campo educacional

O fato de a imprensa brasileira e paulista dar voz a outros e vários setores da sociedade implicados nessa problemática, sem dúvida, projeta para ela um *ethos* democrático. Nessa perspectiva, qual é o posicionamento dos órgãos oficiais, autoridades educacionais, estudiosos sobre essa problemática tal como propagados pelas mídias? Veja-se a seguir alguns enunciados que reproduzem algumas dessas vozes político-institucionais.

- (10) No Dia dos Professores, que celebramos amanhã, é oportuno destacar o profundo respeito e a admiração que tributamos a nossos mestres, em especial aos que atuam na rede estadual de ensino. Foi esse o sentido de todas as ações desenvolvidas no atual governo e que, na essência, buscam apoiar os professores no seu dia a dia na escola, premiar seu desempenho e valorizar sua carreira pelo mérito. Reconhecemos a dedicação de nossos professores, que são capazes de superação extrema para alcançar resultados notáveis com seus alunos, muitas vezes sem contar com todas as condições que seriam desejáveis para o desenvolvimento de seu trabalho. Diariamente nos deparamos com esses exemplos, que, não poucas vezes, nos emocionam no limite das lágrimas, pela prova de amor à profissão que revelam. De outro lado, somos obrigados também a reconhecer a justiça das cobranças da sociedade brasileira por uma educação de mais qualidade para nossas crianças e nossos jovens. Nos últimos 15 anos, nosso país foi capaz de garantir o acesso das crianças às escolas, mas todas as avaliações educacionais mostram que, mesmo em nosso Estado, estamos ainda muito longe de assegurar a todos a qualidade educativa que o mundo de hoje exige para formar os cidadãos do futuro. Sabemos que a chave para solucionar esse problema está no professor: na qualidade de sua formação, na sua valorização e no apoio ao desenvolvimento de seu trabalho na escola. Reconhecer deficiências na formação dos mestres não significa responsabilizá-los pelas mazelas na qualidade educacional. (SOUZA, 2009, grifos nossos.)

Inicialmente, é interessante observar que ao nomear o seu coenunciador – “mestre” e “professor” – , o enunciador, uma voz que representa a posição da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo e que projeta discursivamente, portanto, um *ethos* de autoridade, transita entre as duas concepções que são encontráveis no interdiscurso sobre a docência: tanto remete a um *ethos* estereotipado pré-discursivo de saber docente, por referir-se ao coenunciador como “mestre”, como recupera o sentido vocacional, missionário da identidade docente, por nomeá-lo, em seguida, como “professor”. É também de se notar

que o título do texto estabelece uma relação interdiscursiva com um clássico filme dos anos 1960 – “Ao mestre, com carinho” –, cujo protagonista é um jovem negro que enfrenta problemas ao lecionar para alunos indisciplinados. Tal título opera interdiscursivamente um movimento de valorização da identidade docente pela substituição de “com carinho” por “com respeito”.

Esse discurso, no entanto, também faz os mesmos dois movimentos discursivos já indicados anteriormente: ao mesmo tempo em que remete e identifica-se ao estereotipado *ethos* pré-discursivo de saber docente, desidentifica-se dele e produz um discurso desqualificante do professor também presente nas mídias contemporâneas.

Outras vozes, pertencentes também ao campo político-institucional educacional, produzem discursos, às vezes, mais contundentes, corroborando a desconstrução do estereótipo de saber docente, da identidade do professor tal como constante no interdiscurso, como se verá nos excertos a seguir, em que os trechos assinalados são evidentes por si sós.

- (11) Eric Hanushek, professor da Universidade de Stanford e integrante da Academia Nacional para Educação dos EUA; Voz influente no debate sobre investimento em educação, especialista defende aumentos apenas para os melhores mestres [...]
- Para ele, a saída passa por pagar melhor a professores que melhoram o nível de aprendizado dos alunos. E pela possibilidade de dispensar maus profissionais. “Estariamos melhor se nos livrássemos dos professores particularmente ruins”, disse, em entrevista ao Estado, por telefone, de Nova York. (...) (*O Estado de São Paulo*, 22/06/2009) (Grifos nossos.)
- (12) *O Estado de S. Paulo* - Ter 48% de professores temporários reprovados em uma prova de conhecimento é preocupante?
- Paulo Barone: Membro do Conselho Nacional de Educação - Não vi a prova, mas, se você considerar que o exame de fato avaliou o conhecimento deles em suas áreas, é um problema muito sério. Professores despreparados podem já ter causado prejuízo ao aprendizado dos alunos nos anos anteriores. O desejável seria que todos os professores conhecessem o conteúdo que ensinam. (*O Estado de São Paulo*, 09/02/2009) (Grifos nossos.)
- (13) “Uma melhora contribuiria muito para o avanço da qualidade da educação no País”, diz a diretora executiva da Fundação Lemann, Ilona Becskeházy. Segundo ela, quem faz Pedagogia hoje no Brasil é o jovem já mal formado pelo ensino básico e que opta por curso menos concorrido. “Se quisermos ter professores melhores, os cursos devem exigir mais dos que entram.” (*O Estado de São Paulo*, 04/09/2009) (Grifos nossos.)

Nesses enunciados, observa-se que a oposição semântica entre “melhores mestres”, “professores melhores”/“professores particularmente ruins”, “professores despreparados” é a responsável por induzir a um efeito de sentido desqualificante do professor, desconstruindo, desse modo e mais uma vez, o estereótipo de saber docente, como se foi refletindo até aqui.

C) A voz do professor ele-mesmo

A discussão polêmica sobre a ausência de qualificação do professor prossegue amplamente divulgada pelas mídias entre os anos de 2009 e 2010. Em abril de 2009, a propósito da greve do magistério paulista encabeçada pelo sindicato por ser contrário à avaliação dos professores por mérito, um outro artigo provoca ampla reação do professorado: “Professor é a profissão mais importante”, escrito pelo conhecido jornalista Gilberto Dimenstein. Das 137 cartas na internet comentando esse artigo, destacam-se a seguir

alguns excertos por julgá-los emblemáticos dos posicionamentos que aqui se busca analisar.³

- (14) Me desculpe (sic) Dimenstein, mas acho que você sofre de algum transtorno de dupla personalidade. Afinal, nunca sei qual dos dois que há em você é que estão (sic) a escrever cada artigo seu que leio. Diga logo: EU ODEIO VOCÊS PROFESSORES! Seria mais honesto e digno de sua parte. Sou professor de filosofia e não estudo por bônus ou mérito, estudo porque a massa que carrego em minha caixa craniana, produtora de ideias novas (e não papagaio repetidor de seu dono), é a única coisinha que me diferencia do rato e do macaco. (J.G., 15/04 às 13h.) (Grifos nossos.)
- (15) Bem, devo concordar que há mais professores medíocres nas escolas públicas de São Paulo do que imagina a vossa vã sabedoria! Mas o problema é que com um salário de 1500 reais não tem mesmo como ser um professor de primeira linha. [...] A profissão professor foi há muito tempo extinta em São Paulo, agora somos meros operários da educação, tão medíocres quanto os formuladores de políticas públicas para a educação e quanto a mídia míope que desconhece o interior das escolas periféricas. (H.N., 12/04/2010, 19h01) (Grifos nossos.)
- (16) Professor é professor. Tranqueira é tranqueira. Não é por exercer a mais importante profissão do planeta que merecem serem chamados de professores. Professor é profissão, educador é vocação. [...] E o Gilberto Dimenstein peca quando escreve em professores, absenteísmo... A maioria dos professores é semianalfabeta. Periga achar que absenteísmo é um palavrão ou um elogio. É só verificar o que os professores escrevem aqui. Reclamam com uma linguagem chula, muitas vezes ofensiva. E chula é linguagem grosseira, tacanha... Escrevem sem parágrafo e sem acento, com erros de ortografia graves... (C.T., 12/04/2009, 12h19) (Grifos nossos.)
- (17) Se você realmente pensasse da forma que escreveu hoje deveria ter dito há mais tempo e não jogado a opinião pública contra os professores como você fez naquela ocasião. Os professores foram e são massacrados todos os dias e se a maioria deles não tem boa formação é devido às péssimas faculdades que existem e que têm como sócios muitos políticos. (M.S., 11/04/2009, à 00h25) (Grifos nossos.)

Da cenografia desse blog jornalístico na internet emerge um *ethos* discursivo que contraria o estereótipo de saber docente por os enunciadores (15), (16) e (17) afirmarem, respectivamente, que há “professores medíocres”, que “a maioria dos professores é semianalfabeta” ou que “não tem boa formação”. A exceção é (14), que projeta discursivamente para si um *ethos* de saber docente, mesmo que o coenunciador leitor possa encontrar nas palavras escritas nessa carta ocorrências que contrariem esse *ethos* de saber (uso de pronome proclítico para iniciar o período, concordância inadequada). Assim, nesses comentários de professores participantes dessa cenografia “blogueira”, opera-se discursivamente dois movimentos – a adesão ou o afastamento de um *ethos* pré-discursivo de saber docente.

Esse mesmo processo discursivo se pode verificar em uma reportagem publicada em 12/04/2010 pelo jornal *O Estado de S. Paulo* – “1ª colocada em exame de professores divide-se entre 2 escolas e a casa”, em que a entrevistada foi a primeira classificada na prova para avaliar mérito os professores e propiciar a promoção na carreira docente em 2010, mas admite a desvalorização docente e a necessidade de resgate da dignidade profissional, o que induz a dois pressupostos, evidentemente: o de que o professor era valorizado antes e o de que o professor tinha uma dignidade e distinção que não tem agora.

- (18) O programa criado pela Secretaria Estadual de Educação garante aumento a 20% de um contingente de 223 mil professores - os melhores classificados na prova. Este ano, receberão reajuste de 25%. A secretaria não divulgou quais foram os mais bem colocados. Esse limite de 20% foi contestado

³ Disponível em <http://comentarios.folha.com.br/comentarios?comment=21930&skin=folhaonline&done=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2Fpensata%2Fgilbertodimenstein%2Fult508u718463.shtml&sr=51>. Acesso em: 19 jul. 2010. Optou-se por usar apenas as iniciais dos professores que escreveram comentando o artigo do jornalista em seu blog.

por professores, e uma das motivações para que o sindicato da categoria decretasse a greve. Professora há 19 anos da rede, Daura também discorda do modelo. “O professor está desvalorizado, tinha de ser para todos”, defende ela, que aderiu à paralisação por uns dias. “O principal desafio do professor é resgatar a dignidade da carreira. É algo que tem de ser pensado desde a formação até a disponibilidade do diálogo com o aluno.” (*O Estado de S. Paulo*, 12/04/2010) (Grifos nossos.)

Poucas são as ocasiões e os enunciados encontrados nas mídias no período examinado (2009-2010) em que os enunciadores-professores identificam-se e aderem ao *ethos* pré-discursivo de saber docente, participante do interdiscurso e presente no imaginário popular. O enunciado a seguir, produzido pelo mesmo enunciador (18), é exemplar desse movimento discursivo em que o *ethos* discursivo se manifesta identificando-se e aderindo ao estereótipo do saber docente, contrariando o teor desprestigiado propagado pelas muitas publicações e opiniões em contrário.

- (19) Até os colegas de escola se impressionaram com seu desempenho, no meio dessa correria, na avaliação. “Não achei difícil, estava de acordo com a bibliografia proposta. Mas não acreditei quando vi minha classificação.” Ela conta que também deu um pouco de sorte. Acabara de ler muitas das obras exigidas durante o curso de pedagogia semipresencial, que finalizou no meio do ano. “A prova tem um lado bom, que faz o professor se mexer”, diz ela, que confessa ser idealista. “Tenho consciência do meu papel.” (*O Estado de S. Paulo*, 12/04/2010) (Grifos nossos.)

D) A voz docente coletiva e institucionalizada do sindicato dos professores (APEOESP)

A imprensa, muitas vezes, também dá voz ao sindicato dos professores, que, ao que parece, acaba por reforçar a mesma desconstrução do *ethos* pré-discursivo de saber docente que se veio apontando até aqui, como se pode observar no excerto a seguir:

- (20) Ao defender essa posição, a direção da Apeoesp tentou desqualificar o teste, alegando que algumas questões seriam redundantes, outras conteriam erros de concordância e algumas provas chegaram às salas em envelopes sem lacre. A entidade também criticou o fato de os aplicadores da prova serem professores da rede escolar estadual, o que comprometeria a segurança e a lisura do processo seletivo. “Onde já se viu colega fiscalizar colega? Por que as provas não foram elaboradas, aplicadas e corrigidas por alguma entidade especializada nesse tipo de concurso público, que envolve milhares de candidatos?”, indaga Maria Izabel Azevedo Noronha, presidente da Apeoesp. (*O Estado de São Paulo*, 12/02/ 2009) (Grifos nossos.)

Além da pressuposição inicial feita pela imprensa sobre o sindicato ser desonesto ao querer desqualificar a prova proposta pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, o enunciado acaba por criar uma outra desqualificação dos professores ao questionar a lisura da aplicação da prova, por ser feita também por professores. Subentende-se nesse enunciado que, além de uns professores serem incompetentes para ensinar, outros seriam, talvez, desonestos... uma verdadeira catástrofe para a imagem já tão desgastada dos professores paulistas.

E) A voz dos estudantes

Como se isso tudo o que se veio demonstrando sobre o processo discursivo de desqualificação docente não bastasse, outra voz se pronuncia em matéria da revista *Nova Escola*, que deseja saber por que a carreira docente não tem atraído os jovens brasileiros na atualidade. Nos enunciados selecionados a seguir, os alunos entrevistados pela revista

explicam o porquê de não quererem ser professores. O desprestígio que conferem ao professor é exemplar da ausência de adesão ao estereotipado *ethos* pré-discursivo de saber docente.

- (21) “Se por acaso você comenta com alguém que vai ser professor, muitas vezes a pessoa diz algo do tipo: ‘Que pena, meus pêsames!’” Thaís*, aluna de escola particular em Manaus, AM. (*Nova Escola*, 25/02/2010) (Grifos nossos)
- (22) “Se eu quisesse ser professor, minha família não ia aceitar, pois investiu em mim. É uma profissão que não dá futuro.” André*, aluno de escola particular em Campo Grande, MS (*Nova Escola*, 25/02/2010) (Grifos nossos)

Nesses enunciados, subentende-se que ser professor no Brasil contemporâneo não se combina com um futuro promissor, que isso estaria reservado para aqueles jovens que não teriam outras opções profissionais e de construção de uma carreira. Mais uma vez, opera-se discursivamente a desqualificação docente de que se veio falando neste trabalho.

Algumas conclusões

Acredita-se que essa investigação, parte de um projeto ainda incipiente, foi capaz de demonstrar que as cenografias instituem discursos e vozes que vêm de variados segmentos sociais e que destacam tanto um estereotipado *ethos* pré-discursivo de saber docente, referendado pelo interdiscurso e que remete aos discursos preexistentes sobre o que caracteriza tradicionalmente um professor competente, como, por outro lado, um *ethos* discursivo de não-saber docente.

Espera-se ter trazido à luz esses interessantes movimentos discursivos em que, em cenografias midiaticizadas, o *ethos* discursivo ora se identifica, retoma e ratifica um *ethos* pré-discursivo, ora o rechaça, desidentificando-se. Acredita-se, também, que a problemática em torno do *ethos* discursivo e pré-discursivo, parece sofrer maior complexidade quando se tomam como objeto de análise os discursos midiáticos como os que se elegeu como *corpora* deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1/3 dos professores falta demais. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jun. 2009. Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br/Comunicacao>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Discurso político*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2005.

DIMENSTEIN, G. Professor nota zero. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 fev. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u500752.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

_____. Professor é a profissão mais importante. *Folha de São Paulo*, São Paulo, [s.d.]. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u718463.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

LOUZADA, M. S. O.; LOUZADA, R. Identidade Política, Literatura de Cordel e Interdiscurso. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS- ICA Los pueblos americanos: cambios e continuidades. La construcción de lo próprio en un mundo globalizado, 53, 2009. *Anais...* Ciudad de México, Universidad Iberoamericana-UIA.

MAINGUENEAU, D. Verbetes — *Posicionamento*. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004. p. 392-393.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 69-92.

MEC: 1 em cada 4 futuros professores do País se forma em cursos ruins. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mec-um-em-cada-4-professores-se-forma-em-curso-ruim,429525,0.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

MESTRE. In: DICIONÁRIO ELETRÔNICO Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=mestre&styp=k>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HARK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990a. p. 311-318.

_____. *O Discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990b.

POMPEU, S. É preciso demitir maus professores. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,e-preciso-demitir-maus-professores,392313,0.shtm>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.). *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar edições Ltda., 2006.

PROFESSOR. In: DICIONÁRIO ELETRÔNICO Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=professor&styp=k>. Acesso em: 18 jul. 2010.

PROFESSORES despreparados. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 mai 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100527/not_imp557314,0.php>. Acesso em: 18 jul. 2010.

PROFESSORES reprovados. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 fev. 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100127/not_imp501959,0.php>. Acesso em: 17 jul. 2010.

RATIER, R.; SALLA, F. Ser professor: uma escolha de poucos. *Nova Escola*, ed. 229, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

SALDAÑA, P. 1ª colocada em exame de professores divide-se entre 2 escolas e a casa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 abr. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100412/not_imp537059,0.php>. Acesso em: 18 jul. 2010.

SOUZA, P. R. Aos mestres, com respeito. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 out. 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20091014/not_imp450284,0.php>. Acesso em: 18 jul. 2010.

VOCÊ seria professor de escola pública? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/Comunicacao>>. Acesso em: 15 jul. 2010.